

EM BUSCA DA MEMÓRIA DOS CANDANGOS

Edilson Rodrigues/CB



NA VILA, FORMADA POR 12 CASINHAS COLORIDAS, FUNCIONAVA O ANTIGO HOSPITAL JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA, O PRIMEIRO DA NOVA CAPITAL

Museu situado entre a Candangolândia e o Núcleo Bandeirante convida pioneiros para relatar suas histórias e colaborar com a preservação da história de Brasília

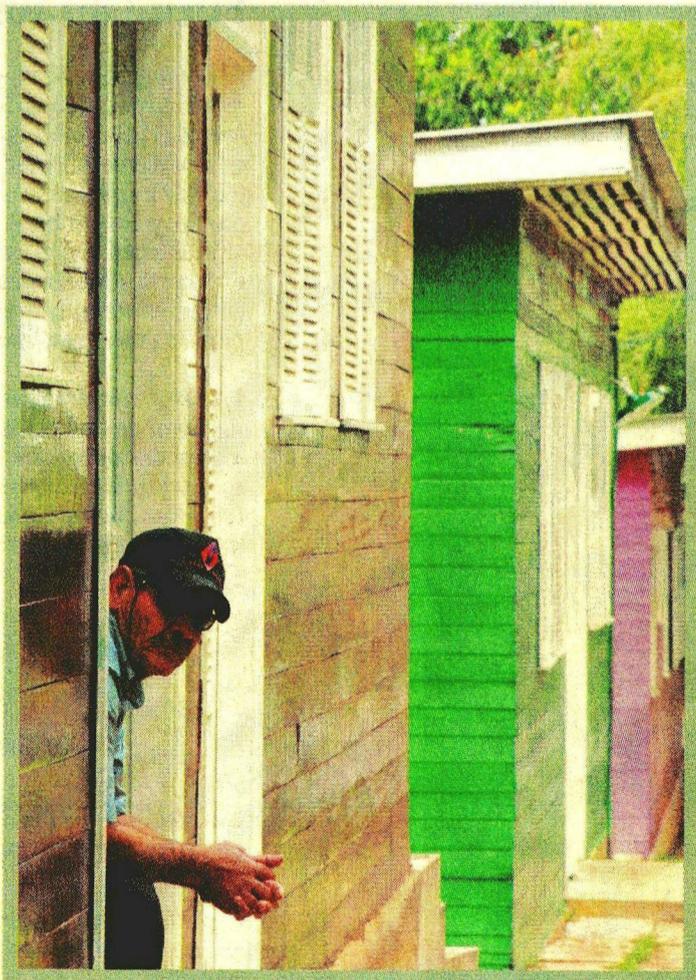
ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Falta o brasiliense descobrir e visitar mais a vila formada por construções de tábuas e cercada por árvores grandes. Pintadas de verde, vermelho, amarelo e azul, as 12 casinhas antigas, entre a Candangolândia e o Núcleo Bandeirante, guardam a história do início da construção de Brasília. Eram habitadas pelas famílias dos médicos e dos demais profissionais que se revezavam nas 24 horas de funcionamento do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o HJKO, o primeiro da nova capital. Construído em 60 dias e inaugurado em 6 de julho de 1957, o hospital tinha equipe de obstetrícia, para amparar o nascimento dos primeiros brasilienses, e de ortopedia, para socorrer os operários que se machucavam na empreitada grandiosa de construir a nova capital.

O prédio maior, pintado de amarelo, onde funcionava o hospital, é o atual do Museu Vivo da Memória Candanga. Em novembro deste ano faz 20 anos que o complexo habitacional ao redor do hospital foi tombado como patrimônio histórico e cultural do Distrito Federal. Para comemorar, pioneiros que participaram da construção ou chegaram para morar na nova cidade são chamados a colaborar com a história de Brasília. "Eles podem contar a história deles por e-mail ou carta. Depois, universitários vão visitar esses candangos para que os relatos possam ser gravados e seus objetos da época da construção, fotografados", explica a diretora do museu, Luíza Dornas.

Será montado na internet um cadastro dos depoimentos e das peças históricas. O próprio vigilante que passa boa parte do dia sentado num tamborete em frente à casinha marrom, que



O BAIANO GETÚLIO CASTRO CHEGOU A BRASÍLIA EM 1960 E HOJE É VIGILANTE DO MUSEU: ELE TAMBÉM REGISTRARÁ SUA HISTÓRIA

guarda uma exposição permanente de artesanato, é um desses candangos. O baiano Getúlio Oliveira Castro, 62 anos, chegou a Brasília em 1960 para trabalhar e viu a cidade na euforia da construção. "Trabalhava numa firma e precisava chegar bem cedo, às 6h30, para entregar as ferramentas para os peões das construções", lembra.

História

O HJKO foi desativado em 1968 e passou a funcionar como posto de saúde para as 170 famílias da Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante. A partir de 1960, com a inauguração do Hospital

Distrital, como era chamado o Hospital de Base, o HJKO caiu em declínio. Em 1974, foi desativado definitivamente e a construção antiga, de tábuas, só não foi demolida porque, em agosto de 1983, as famílias da Vila do Iapi, que cresceu ao redor do hospital, resistiram e pediram o tombamento do hospital e das antigas casas da equipe médica ao Instituto Histórico e Geográfico do DF.

Apesar da importância do local, poucas pessoas visitam o museu. Durante a semana, as visitas se restringem a estudantes de escolas que pré-agendam as idas ao museu. "É o único

conjunto de edificações do início da construção de Brasília. Só isso revela a importância desse local", ressalta Luíza Dornas. Além das casas na alameda principal, há as habitações que serviam de alojamento para os solteiros. Embora precisem de restauração, dão dimensão de como era a vida dos primeiros candangos que viveram ali. O museu também guarda fotos sobre a construção da capital, desde a Missão Cruls até o cotidiano das pessoas que viviam na Cidade Livre. A exposição *Poeira, Lona e Concreto* é permanente e representa um aulão de história para quem sabe pouco da epopéia de Brasília.

O museu também guarda utensílios antigos usados pelos operários e objetos da década de 60 dos primeiros candangos, como as malas que usaram para a viagem até Brasília. Do antigo hospital, restaram poucas coisas, como balança e uma mesa de médico. O visitante também pode ver dois vestidos de gala usados na inauguração. Há ainda espaço para exposições temporárias. Atualmente, estão expostas fotografias de Joaquim Paiva sobre as antigas casas de madeira do Núcleo Bandeirante e que não existem mais.

VISITAS

Alunos de escolas públicas e particulares podem agendar visitas, com monitoramento. O telefone do Museu Vivo da Memória Candanga é 301-3590. Ele fica aberto de terça a domingo, das 9h às 17h. Mais informações pelo site www.memoriacandanga.org.br. A biblioteca do museu está sendo montada e quem quiser colaborar pode doar livros sobre história, artesanato, política ou meio ambiente de Brasília.